ente: SOCIEDADE BRAS. CIRURGIA PLÁSTICA
ículo: CORREIO BRAZILIENSE
dade: BRASÍLIA
ta : 26/04/13
luna: BRASIL
gina: 7
d.: 14542

SAÚDE

Reconstituição de mama vira regra no

» JULIA CHAIB

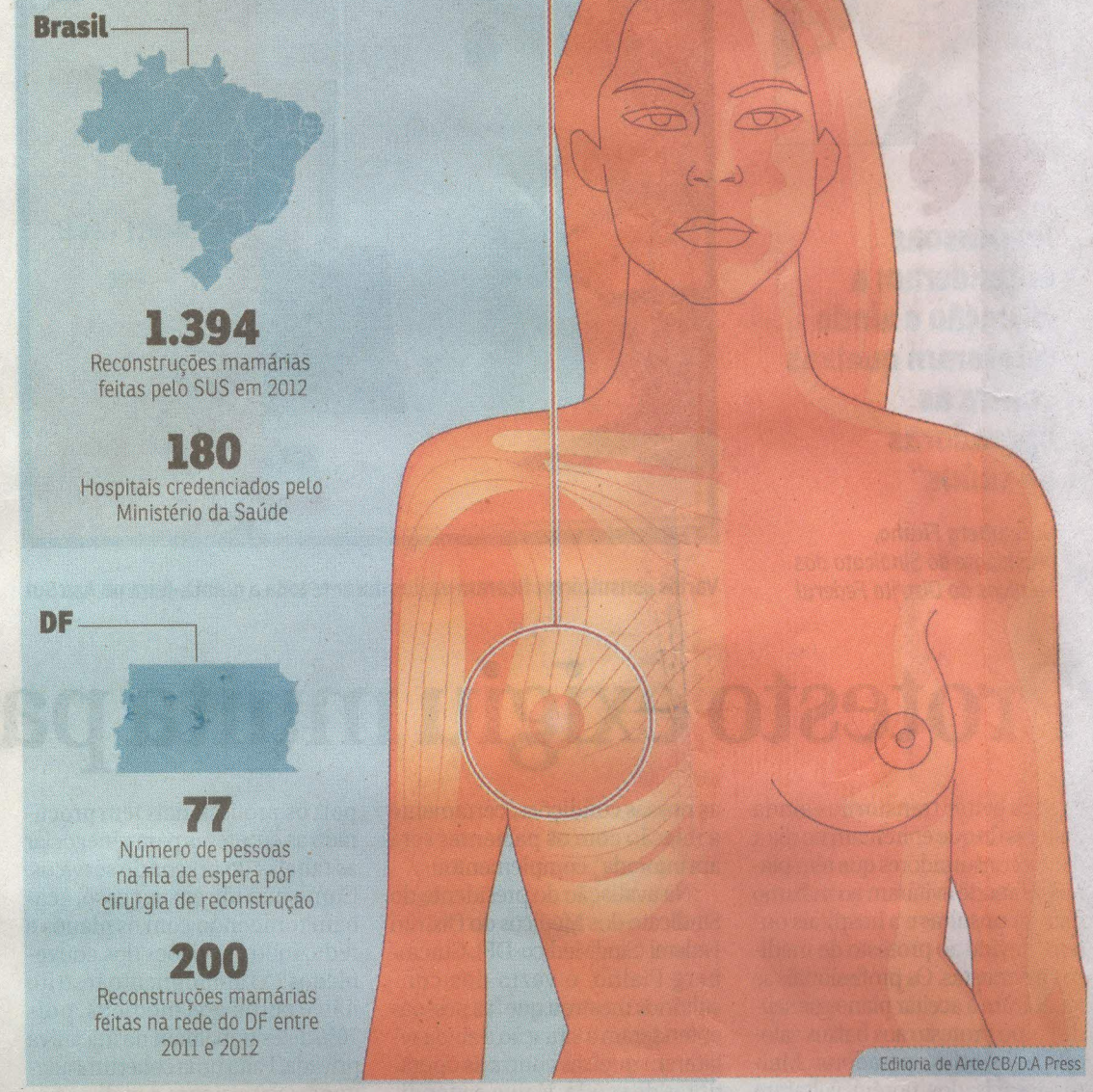
Os hospitais da rede pública do Brasil são obrigados a oferecer a reconstrução do seio perdido para o câncer no mesmo procedimento cirúrgico da mastectomia, que é a operação de retirada total ou parcial da mama. A lei 12.802, sancionada pela presidente Dilma Rousseff, foi publicada ontem no *Diário Oficial da União*. A norma prevê também que, nos casos em que a cirurgia de reconstrução não possa ser feita imediatamente após a mastectomia, a paciente deve deixar o hospital já com a data para o segundo procedimento marcada.

Para o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, José Horácio Aboudib, a nova norma é muito positiva. "A mulher só tem a ganhar com essa possibilidade. Acho a lei muito oportuna, benéfica e útil para ser colocada em prática", diz. O médico explica, porém, que nem todas as pacientes têm indicação para fazer o duplo procedimento, mas que esses casos não são maioria. "Quando o câncer está em estágio avançado, a recomendação pode ser a de deixar para reconstruir a mama posteriormente." Mas, segundo ele, o ideal é que a cirurgia seja feita simultaneamente, por facilitar o processo de cicatrização e deixar a paciente mais estável psicologicamente, o que contribui para acelerar a recuperação, por exemplo.

No Distrito Federal, 77 mulheres estão na lista de espera para fazer a cirurgia de reconstrução do seio. Segundo Aboudib, pelo país, embora não exista um número exato, a demanda por esse tipo de operação é grande. "Promovemos mutirões de atendimento pelo país e chegamos a fazer entre 20 e 30 reconstruções mamárias em um único dia." *Neste ano, a Sociedade fez mutirões em Goiânia e em Curitiba, e deve promover novos esforços em pelo menos mais quatro capitais até o fim de 2013.*

Reconstrução mamária

Confira alguns números sobre o procedimento cirúrgico que reconstitui o seio perdido para o câncer



Editoria de Arte/CB/D.A Press

Menos iodo no sal

A indústria de sal de cozinha tem 90 dias para reduzir a quantidade de iodo adicionada ao produto. A norma da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) foi publicada ontem no *Diário Oficial*. O teor permitido de iodo cai dos atuais 20 a 60mg por kg de sal para 15 a 45mg/kg. A decisão foi tomada, porque estudos indicaram excesso de iodo na urina dos brasileiros. A deficiência desse elemento químico pode causar bócio, mas o excesso pode levar a pessoa a sofrer de tireodite de Hashimoto, uma síndrome na qual o corpo passa a atacar a tireoide. A redução do iodo no sal foi criticada pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), que defende o incentivo à redução do consumo de sal pela população brasileira — e não o corte do iodo.

Com a n
indicação p
rurgias sim
foi caso da
Mendes de S
precisarão r
ticada com
2004, Márci
no Hospital
sília (HUB).
radical, isto
de um dos s
fazer a rec
mente apó
não havia c
atendê-la n

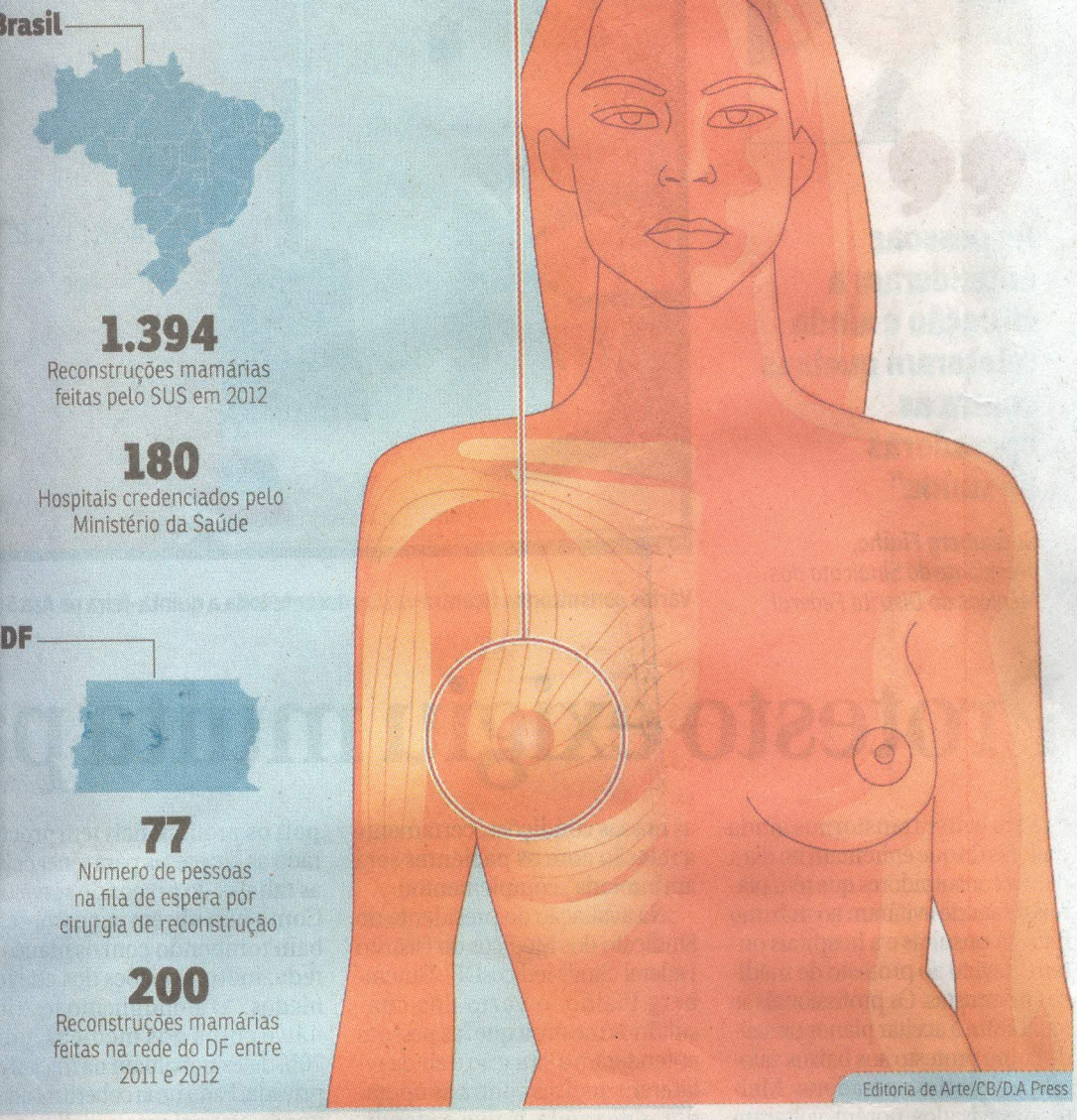
"Muito s

Após vá
mioterapia
do em 200
início ao p
construção
feito em, p
pas. "Já fiz
reconstitui
zer mais u
muito lent
creve. Para
bilidade d
imediata é
tem diagno
dorme co
acorda ser
fiz a mast
que tirasse
ver que es
que não p
riência nã
mento, ma
De acor
coordenad
da Secreta
então, a m
trução era
diferentes.
fazem o pr
Regional d
Sobradinh
Estamos in
ção de mai
informa. Se
ano, mais tr
o Hospital
também es
oferecer a
também já

uição de mama vira regra no SUS

econstrução mamária

nfira alguns números sobre o procedimento cirúrgico e reconstitui o seio perdido para o câncer



Editoria de Arte/CB/D.A Press

Com a nova lei, mulheres com indicação para fazer as duas cirurgias simultaneamente, como foi caso da aposentada Márcia Mendes de Sousa, de 48 anos, não precisarão mais esperar. Diagnosticada com câncer de mama em 2004, Márcia iniciou o tratamento no Hospital Universitário de Brasília (HUB). Ela fez a mastectomia radical, isto é, a retirada integral de um dos seios. Embora pudesse fazer a reconstrução imediatamente após a primeira cirurgia, não havia cirurgião plástico para atendê-la naquele dia.

"Muito sofrido"

Após várias sessões de quimioterapia, o tumor foi eliminado em 2006, quando Márcia deu início ao procedimento de reconstrução, que normalmente é feito em, pelo menos, duas etapas. "Já fiz mais de três etapas da reconstituição e ainda preciso fazer mais uma, é um processo muito lento, muito sofrido", descreve. Para a aposentada, a possibilidade de fazer a reconstrução imediata é alentadora para quem tem diagnóstico de câncer. "Você dorme com as duas mamas e acorda sem uma delas. Quando fiz a mastectomia, não queria que tirassem o adesivo para não ver que estava sem o seio. Acho que não passar por essa experiência não acaba com o sofrimento, mas reduz muito", relata.

De acordo com Marcelo Gea, coordenador de cirurgia plástica da Secretaria de Saúde do DF, até então, a mastectomia e a reconstrução eram feitas em momentos diferentes. "Hoje, três hospitais já fazem o procedimento: o Hospital Regional da Asa Norte (Hran), o de Sobradinho e o de Santa Maria. Estamos investindo na contratação de mais cirurgiões plásticos", informa. Segundo ele, até o fim do ano, mais três hospitais, entre eles o Hospital de Base de Brasília, também estarão capacitados para oferecer a dupla cirurgia. O HUB também já faz o procedimento.

Menos iodo no sal

A indústria de sal de cozinha tem 90 dias para reduzir a quantidade de iodo adicionada ao produto. A norma da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) foi publicada ontem no *Diário Oficial*. O teor permitido de iodo cai dos atuais 20 a 60mg por kg de sal para 15 a 45mg/kg. A decisão foi tomada, porque estudos indicaram excesso de iodo na urina dos brasileiros. A deficiência desse elemento químico pode causar bócio, mas o excesso pode levar a pessoa a sofrer de tireodite de Hashimoto, uma síndrome na qual o corpo passa a atacar a tireoide. A redução do iodo no sal foi criticada pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), que defende o incentivo à redução do consumo de sal pela população brasileira — e não o corte do iodo.